

Rebello expõe pessimismo

O governo dá sinais de que pode se conformar com uma posição minoritária no Senado. Ontem, após encontrar-se com o presidente da Câmara, João Paulo Cunha (PT-SP), o ministro da Coordenação Política, Aldo Rebello, fez um diagnóstico pessimista sobre as possibilidades de o governo Lula ampliar a sua sustentação no Senado. "O Senado sempre foi uma casa conservadora", disse Rebello. Salientou, em seguida, que o Planalto sempre soube que lá "um governo progressista como o do presidente Lula teria dificuldades para consolidar a sua maioria".

Para o líder do PT na Câmara, deputado Arlindo Chialgia (SP), "chegou a hora de o governo definir com clareza qual é sua base no Senado e na Câmara". "O governo não pode ficar refém de quaisquer grupos nem por quaisquer razões", disse Chialgia, após participar de um café da manhã com o presidente Lula. "O governo não pode dar tratamento isonômico para aliados que se comportam com lealdade e outros que só votam conforme as suas conveniências". Segundo Chialgia, a realidade pode impor ao governo o fato de ter de trabalhar apenas com uma maioria na Câmara.

Eleições

Apesar dos prognósticos nada favoráveis para o governo no Senado, o líder do PMDB, Renan Calheiros, ressaltou que a derrota no mínimo pode ser considerada "circunstancial". "Não vai haver outra votação com aquela foto", disse Renan, referindo-se à comemoração da derrota do governo, que uniu, por uma vez, ACM e a senadora Heloísa Helena (PSOL-AL).

Segundo avalia Renan, colaboraram para a derrota do governo fatores que não se repetirão em outras votações no Senado: como o peso adquirido pela questão do valor do mínimo, a poucos meses da realização das eleições municipais. O senador Marcelo Crivella (PL—RJ), candidato a prefeito no Rio de Janeiro, votou contra o governo, ignorando pressões até do vice-presidente José Alencar e a ameaça de expulsão do partido.

Renan não menciona, mas outra questão "circunstancial" que afetou o resultado da votação no Senado foi a disputa entre ele e Sarney no PMDB. O governo avalia que a guerra deflagrada em torno da emenda constitucional da reeleição para as mesas do Congresso teve um efeito decisivo no resultado do Senado—os aliados de Sarney votaram contra a proposta do governo para deixar claro a falta que o presidente do Congresso pode fazer para o Planalto. (G.E. e H.B.)